

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

9 Dez 2018
18:00 Sala Suggia

-
ANO ÁUSTRIA

Baldur Brönnimann *direcção musical*
Miranda Cuckson *violino*

1ª PARTE

Gonçalo Gato

Ex machina colores (2018; c.8min)*

Georg Friedrich Haas

Concerto para violino e orquestra n.º 2 (2017; c.32min)**

1. *Präludium – Kadenz – Resonanz und Feedback – Sgraffito – Interludium – Just Intonation – Aria*

2ª PARTE

Anton Bruckner

Sinfonia n.º 3, em Ré menor (1873/1889; c.57min)

1. *Moderato con moto*
2. *Adagio, quasi andante*
3. *Scherzo vivace ma non troppo*
4. *Finale: Allegro*

*Estreia mundial; encomenda Casa da Música ao Jovem Compositor em Residência

**Estreia em Portugal; encomenda Casa da Música, Suntory Hall Tokyo e Staatstheater Stuttgart

Cibermúsica, 17:15

Palestra pré-concerto por **Gonçalo Gato**

INTEGRAL DAS SINFONIAS DE BRUCKNER

PORTRAIT GEORG FRIEDRICH HAAS VIII – COMPOSITOR EM RESIDÊNCIA



casa da música

MEGENAS ORQUESTRA SINFÓNICA
DO PORTO CASA DA MÚSICA


SONAE



Maestro Baldur Brönnimann
sobre o programa do concerto.

<https://vimeo.com/304653959>

APOIO PORTRAIT
GEORG FRIEDRICH HAAS

 ernst von siemens
music foundation

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE

 reseo
RESETO
RESETO

 REMA
RESETO
RESETO

 EUROPE JAZZ NETWORK

 ECHO
EUROPEAN
CONCERT HALL
ORGANISATION

 TENSO

Gonçalo Gato

LISBOA, 15 DE NOVEMBRO DE 1979

Gonçalo Gato nasceu em Lisboa em 1979. As suas peças têm sido apresentadas em Portugal, Reino Unido, Alemanha, França e Brasil. Tem trabalhado com as principais orquestras inglesas tais como a Sinfónica da BBC, que apresentou o seu octeto *Vacuum Instability* (2013), a Britten Sinfonia, com a qual desenvolveu a peça *Colour Matters* (2016), e a Sinfónica de Londres, para a qual escreveu *Fantasia* (2017). Tem também trabalhado com importantes ensembles como o Ensemble Recherche (Alemanha), que lhe encomendou a peça *A Walk in the Countryside* (2016), o Chroma Ensemble (Reino Unido), para o qual escreveu *Dégradé* (2012), e o Sond'Ar-te Electric Ensemble (PT). Antes de rumar a Londres, ganhou por duas vezes o primeiro prémio no Concurso Internacional de Composição da Póvoa de Varzim: primeiro com a sua obra *Derivação* (2008), para piano, e depois com *Vectorial-modular* (2011), para orquestra. A sua mini-ópera *Mudos* (2008) foi encenada em Lisboa.

Como compositor-investigador, Gonçalo Gato tem trabalhado na área da composição assistida por computador. Completou recentemente o doutoramento na Guildhall School of Music and Drama sob a orientação de Julian Anderson. A pesquisa subjacente levou à publicação de um artigo no *OM Composer's Book 3* (2016), editado pelo IRCAM/Centre Pompidou (Paris), instituição onde obteve formação especializada e apresentou trabalho. Explora actualmente a orquestração assistida por computador, já que a orquestra se tornou um meio importante de expressão das suas ideias musicais.

Ex machina colores

Ex machina colores é uma peça de cariz predominantemente harmónico. A maior parte da harmonia foi gerada de forma computacional, colocando a obra em ressonância com o debate contemporâneo acerca do papel dos processos algorítmicos na vida humana. Embora a inteligência artificial (AI em inglês; expressão de que não gosto pois falta definir cabal e completamente de que estamos a falar quando falamos de inteligência) esteja no horizonte, é porventura mais importante refletir sobre a relação actual do homem com as máquinas. Neste sentido, a expressão inteligência aumentada (IA, ou *intelligence augmentation*) é muito mais adequada e bem-vinda pois valoriza os vários aspectos da cognição e do comportamento humano que ainda estão por desvendar ou compreender. Foi num contexto de IA que trabalhei, utilizando o computador enquanto ferramenta de descoberta de um mundo de sonoridades. O uso do latim para o título da obra prende-se com o facto de se tratar de uma língua antiga e fora de uso, mas que foi outrora universal na transmissão do saber, entrando em aparente fricção com a temática eminentemente tecnológica.

A peça é dedicada ao compositor Luís Tinoco.

Georg Friedrich Haas

GRAZ, 16 DE AGOSTO DE 1953

Concerto para violino e orquestra n.º 2

O Concerto para violino e orquestra n.º 2 de G. F. Haas estreou em Setembro de 2017 no Suntory Hall, em Tóquio, Japão. À frente da Orquestra Sinfónica de Tóquio esteve, na batuta, Ilan Volkov, tendo cabido a Miranda Cuckson o papel de solista. Cuckson relata, numa entrevista de Novembro de 2017, como surgiu a colaboração com o compositor. Haas estava presente no lançamento do seu álbum a solo – que incluía a peça *de terrae fine* (2001) – e abordou-a: “gostaria de escrever um concerto para ti”. Segundo a violinista, a colaboração foi muito intuitiva, baseada na compreensão mútua, e muito pouco verbal. Deu-se de forma muito natural.

O concerto tem cerca de 30 minutos e está dividido em 7 secções contínuas, de carácter diferente: *Prelúdio* (1), *Cadência* (2), *Ressonância e Feedback* (3), *Esgrafito* (4), *Interlúdio* (5), *Afinação justa* (6) e *Ária* (7). Começa de forma pacífica, quase paisagística, nas cordas, tendo o solista um papel iniciador de harmonia: as notas do violino solo contaminam sucessivamente a secção de cordas que as duplica à oitava. Esta calma cede a uma primeira erupção, de onde surge uma cadência para o solista em dinâmica *fortissimo*. A energia libertada é comentada pela orquestra em momentos abruptos, curtos, muito intensos. Na terceira e quarta secções, a orquestra capta as notas e frases do violino, reverberando-as. No momento em que solista e cordas passam a tocar em uníssono, a música faz referência ao Concerto para violino de Alban Berg (1885-1935), especificamente à secção onde o compositor utiliza o coral “Es ist

genug!” de J. S. Bach. Segue-se uma Invenção a três partes, onde cada parte é um cluster microtonal, tido como timbre que engrossa cada linha. O cluster microtonal é uma sonoridade extremamente ‘dissonante’, que num registo médio e grave pode provocar um efeito de vibração apreciável, uma instabilidade harmónica. Mas é também uma sonoridade muito presente na música dos nossos dias. Talvez seja apropriado citar A. Schoenberg: “Não existem dissonâncias, apenas consonâncias mais remotas.” São precisamente estes sons remotos, mas que são materiais possíveis de construção, que estão em causa. Têm, sem dúvida, um encanto especial.

Outro tipo de sonoridade muito utilizada desde o advento da chamada escola espectral (sobretudo França, anos 70) é aquela que deriva da série dos harmónicos. Os sons naturais do mundo, sobretudo os timbres harmónicos utilizados em música, têm uma estrutura interna formada por sons parciais (elementos constitutivos do todo) cuja frequência é um múltiplo inteiro de uma frequência fundamental. É precisamente este modelo que Haas utiliza na secção *Afinação justa*. O resultado são sonoridades mais coesas, que muitas vezes transcendem no seu conjunto a soma dos timbres dos instrumentos individuais. Frequentemente podem assemelhar-se a sons obtidos por meios artificiais (sintetizadores, etc.). A *Ária* final, por seu turno, é construída muito à base de tempos que aceleram, algumas vezes retardando também, cabendo ao solista a execução de passagens finais de virtuosismo assinalável. Temos a sensação de uma certa volatilidade, que surge da instabilidade do andamento.

Anton Bruckner

ANSFELDEN, 4 DE SETEMBRO DE 1824

VIENA, 11 DE OUTUBRO DE 1896

Sinfonia n.º 3, em Ré menor

Em Agosto de 1873, Anton Bruckner, radicado em Viena desde 1868, viaja até Marienbad para passar férias. Nesse período a sua Segunda Sinfonia estava já composta, estando a Terceira em avançado estado. Levou ambas quando foi ao encontro do seu ídolo, Wagner, em Bayreuth, a fim de obter aprovação quanto à possibilidade de lhe dedicar uma delas. Wagner escolheu a Terceira, mais tarde apelidada de Sinfonia 'Wagner', não só pelo objecto da dedicatória como também pela estética. É interessante notar que Bruckner foi na altura fortemente criticado pelo seu 'Wagnerismo descontrolado e decadência musical', críticas essas vindas, por exemplo, do seu antigo aliado Eduard Hanslick, que anos antes julgara ter encontrado no compositor o sinfonista contemporâneo há tanto ausente da Áustria.

Composta no período de 1872-73, a Terceira Sinfonia foi estreada na Grosser Musikvereinsaal (Viena), a 16 de Dezembro de 1877, pela Orquestra Filarmónica de Viena. Vale a pena considerar as circunstâncias dessa estreia, especialmente porque, em relação às grandes figuras, a narrativa é frequentemente a do sucesso e da afirmação da genialidade. Mas os artistas nem sempre navegam com ventos favoráveis. De acordo com as fontes musicológicas, a estreia da Terceira Sinfonia foi um desastre. Johann Herbeck (um importante professor e admirador de Bruckner) criara as condições para a estreia acontecer e caber-lhe-ia dirigir a orquestra (que rejeitou a peça em três ocasiões). A sua morte

cerca de dois meses antes da data da estreia obrigou Bruckner a pegar na batuta. Nunca tendo sido um maestro bem-sucedido, via-se agora num momento de grande exposição. A orquestra comportou-se de forma revoltosa e a audiência abandonou a sala durante o *finale*. Hanslick voltou a escrever uma crítica fortemente negativa. Apesar deste insucesso, o editor Theodor Rättig concordou em editar a obra; Mahler faria mais tarde a redução para piano a quatro mãos. Este período de fracasso culminou com a perda do lugar que Bruckner ocupava na escola feminina de Santa Anna, em Viena. Por correspondência, confessava a solidão e a incompreensão que se abatiam sobre ele. Resta dizer que a Sinfonia sofreu várias revisões até à versão final de 1889 (doze anos depois da estreia!), ano em que foi tocada novamente, dirigida por Hans Richter, e recebida com enormes aplausos.

GONÇALO GATO, 2018

Baldur Brönnimann *direcção musical*

Baldur Brönnimann é considerado um dos melhores maestros de música contemporânea do mundo. Desenvolveu estreitas colaborações com compositores de topo tais como John Adams, Saariaho, Birtwistle, Chin, Lachenmann, Lindberg, Haas e outros, e dirigiu obras importantes de Ligeti, Romitelli, Boulez, Vivier e Zimmermann. Apresentou-se em festivais como BBC Proms, Wien Modern, Darmstadt e Mostly Mozart no Lincoln Center. Maestro de grande versatilidade com uma abordagem aberta à programação e à interpretação musical, acredita firmemente na importância das actividades de âmbito educativo e comunitário e na necessidade de questionar as fronteiras tradicionais da música clássica. É Maestro Titular da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música e da Basel Sinfonietta.

Na temporada de 2018/19, Brönnimann regressa à Filarmónica de Seul e estreia-se com a Filarmónica do Luxemburgo (no âmbito do festival de música contemporânea *Rainy Days* na Philharmonie desta cidade), a Staatskapelle Weimar, a Orquestra da Rádio Norueguesa, as Orquestras de Valência, Galiza e Astúrias, e a Tapiola Sinfonietta (Finlândia). Será o Director Artístico do festival *Avanti! 2019* na Finlândia. Das temporadas passadas, destacam-se colaborações com as Filarmónicas de Oslo e Real de Estocolmo, a Philharmonia Orchestra, a Sinfónica da BBC e a Filarmónica de Bergen, entre outras. Recentemente estreou-se com as Sinfónicas das Rádios de Viena, Frankfurt e WDR, a Sinfónica Nacional Dinamarquesa e as Orquestras de Câmara Aurora e de Munique. Trabalha frequentemente com o Klangforum Wien, tanto em Viena como em digressão.

No domínio da ópera, Brönnimann dirigiu *Le Grand Macabre* de Ligeti na English National Opera, na Komische Oper de Berlim e no Teatro Colón (Argentina), em produções de La Fura dels Baus e Barrie Kosky; *Death of Klinghoffer* de John Adams na English Nacional Opera; *L'Amour de Loin* de Saariaho na Ópera Norueguesa e no Festival de Bergen; e *Index of Metals* de Romitelli com Barbara Hannigan no Theater an der Wien. No Teatro Colón, dirigiu também *Erwartung* de Schoenberg, *Hagith* de Szymanowski, *The Little Match Girl* de Lachenmann (com o compositor no papel de narrador) e *Die Soldaten* de Zimmermann.

Enquanto Maestro Titular da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música e da Basel Sinfonietta, Baldur Brönnimann continua a dirigir programas onde combina de uma forma inesperada obras contemporâneas e desconhecidas com o repertório corrente. Entre 2011 e 2015, foi Director Artístico do principal ensemble norueguês de música contemporânea, BIT20. Foi Director Musical da Orquestra Sinfónica Nacional da Colômbia em Bogotá entre 2008 e 2012.

Natural da Suíça, Baldur Brönnimann estudou na Academia de Música da Basileia e no Royal Northern College of Music em Manchester, onde foi posteriormente nomeado Professor Convidado de Direcção de Orquestra. Actualmente vive em Madrid.

Miranda Cuckson *violino*

A violinista e violetista Miranda Cuckson já conquistou o público graças às suas interpretações expressivas de um vasto repertório, da música antiga às novas composições. Tem desenvolvido uma ligação profunda com a música contemporânea desde há 20 anos e tornou-se uma figura marcante da nova música. A sua gravação de *La lontananza nostalgica utopica futura* para violino e electrónica de Luigi Nono, com Christopher Burns (Urlicht AV), foi nomeada entre as Melhores Gravações de 2012 pelo New York Times.

Em Setembro de 2017, estreou um novo Concerto para violino de Georg Friedrich Haas no Suntory Festival, com a Sinfónica de Tóquio dirigida por Ilan Volkov. Em 2018 volta a interpretá-lo com a Orquestra Estatal de Estugarda e a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música. Faz ainda a estreia nova-iorquina do Concerto para violino de Michael Hersch.

Miranda Cuckson tem-se apresentado em inúmeras salas de concerto e festivais de todo o mundo. Enquanto solista com orquestra, estreou-se no Carnegie Hall (Stern Auditorium) com o Concerto de Walter Piston ao lado da American Symphony Orchestra, e tocou com as Sinfónicas de Alabama, Indianápolis, Virgínia, Xangai, Pequim e Jerusalém. Interpretou o Concerto de Elgar como vencedora do concurso do Festival de Aspen.

O seu repertório estende-se da música concertante e das obras para violino solo de Bach a uma grande variedade de composições contemporâneas. Alguns dos compositores que escreveram para si foram Georg Friedrich Haas, Michael Hersch, Jason Eckardt, George Lewis, Lu Wang, Steve Lehman, Harold Meltzer, Ileana Perez Velasquez e Douglas Boyce. Colaborou

recentemente com Huang Ruo, Michael Hersch, Vijay Iyer, Nina C. Young e Philip Glass. Trabalhou ainda com Dutilleux, Carter, Adès, Sciarrino, Adams, Boulez, Hyla, Mackey, Crumb, Lachenmann, Saariaho, Davidovsky, Hurel, Bermel, Shaw, Lindberg, Wyner, Murail, Wuorinen, Currier, Harbison, Wuorinen e Rzewski. O McKim Fund da Biblioteca do Congresso encomendou uma obra a Harold Meltzer que Miranda Cuckson estreou no violino Guarneri del Gesù que pertenceu a Fritz Kreisler e faz parte da coleção da biblioteca.

A discografia de Miranda Cuckson soma dez títulos aclamados, entre os quais o álbum de 2017, com música de Wolpe, Carter e Ferneyhough (Urlicht Audiovisual). Em 2016, a ECM editou um disco com duos de Bartók, Schnittke e Lutoslawski (com o pianista Blair McMillen). Recebeu bolsas do Copland Fund (quatro vezes seguidas) e do Ditson Fund para gravar música americana do século XX.

No que respeita a agrupamentos de música contemporânea, é directora do Nunc e membro do counter)induction e da AMOC (American Modern Opera Company), além de colaborar com inúmeros outros ensembles. Como curadora convidada do National Sawdust, programou e tocou várias obras e em estreia. Foi violinista fundadora do Argento Chamber Ensemble (2003-2011) e membro do American Contemporary Music Ensemble (ACME), do Lost Dog Ensemble e do Momenta Quartet.

Miranda Cuckson tem três diplomas universitários, incluindo o doutoramento pela Juilliard School com dois prémios académicos. Estudou violino com Shirley Givens, Dorothy DeLay e Robert Mann, e trabalhou com Felix Galimir, Fred Sherry e o Juilliard String Quartet. Ensina na Mannes School of Music e, no Verão, no Composers Conference/Contemporary Performance Institute, entre outros festivais.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Baldur Brönnimann *maestro titular*

Leopold Hager *maestro emérito*

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König (maestro titular no período 2009-2014), Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomarico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Joseph Swensen, Ilan Volkov, Antoni Wit, Christian Zacharias e Lothar Zagrosek. Entre os solistas que têm colaborado com a orquestra constam os nomes de Pierre-Laurent Aimard, Jean-Efflam Bavouzet, Pedro Burmester, Joyce Didonato, Alban Gerhardt, Natalia Gutman, Viviane Hagner, Alina Ibragimova, Steven Isserlis, Kim Kashkashian, Christian Lindberg, Tasmin Little, Felicity Lott, António Meneses, Midori, Truls Mørk, Kristine Opolais, Lise de la Salle, Benjamin Schmid, Simon Trpčeski, Thomas Zehetmair ou o Quarteto Arditti. Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger e Harrison Birtwistle, a que se junta em 2018 o compositor austríaco Georg Friedrich Haas.

A Orquestra tem-se apresentado também em prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e ainda no Auditório Gulbenkian.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das Sinfonias de Mahler, Prokofieff e Brahms e dos Concertos para piano e orquestra de Beethoven e Rachmaninoff. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines” ganhou a categoria de Jazz dos prestigiados prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Nos últimos anos surgiram os CDs monográficos de Luca Francesconi (2014), Unsuk Chin (2015) e Georges Aperghis (2017), todos com gravações ao vivo na Casa da Música. Na temporada de 2018, a Orquestra apresenta um conjunto de obras-chave da música austríaca: a integral das Sinfonias de Bruckner, os Concertos para violino de Mozart com Benjamin Schmid, a raramente interpretada cantata *Gurre-Lieder* e o poema sinfónico *Pelleas und Melisande* de Schoenberg, *As Estações* de Haydn, além de uma retrospectiva da obra de Webern em parceria com o Remix Ensemble e o Coro Casa da Música. Surpreende ainda com a revelação de uma obra recém-descoberta de Stravinski, um cine-concerto com o filme *Há Lodo No Cais* em celebração dos 100 anos de Leonard Bernstein e as sonoridades inusitadas de um concerto de Haas ao lado de um quarteto de trompas alpinas!

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Engloba um número permanente de 94 instrumentistas, o que lhe permite executar todo o repertório sinfónico desde o Classicismo ao Século XXI. É parte integrante da Fundação Casa da Música desde Julho de 2006.

Violino I

James Dahlgren
Ildikó Oltai*
Ilanina Khmelik
Tünde Hadadi
Emília Vanguelova
Andras Burai
Maria Kagan
José Despujols
Roumiana Badeva
Vadim Feldblioum
Alan Guimarães
Flávia Marques*
Jorman Hernandez*
Ana Luísa Carvalho*

Violino II

Ana Madalena Ribeiro
Nancy Frederick
Mariana Costa
José Paulo Jesus
Francisco Pereira de Sousa
Pedro Rocha
Paul Almond
Lilit Davtyan
Domingos Lopes
Diogo Coelho*
Nikola Vasiljev
Raquel Santos*

Viola

Mateusz Stasto
Rute Azevedo
Hazel Veitch
Emília Alves
Biliana Chamlieva
Jean Loup Lecomte
Luís Norberto Silva
Francisco Moreira
Theo Ellegiers
Virginia Corrales Rodriguez*

Violoncelo

Nikolai Gimaletdinov
Vicente Chuaqui
Feodor Kolpachnikov
Hrant Yeranosyan
Aaron Choi
Sharon Kinder
Michal Kiska
Bruno Cardoso

Contrabaixo

Carlos Mendez*
Nadia Choi
Altino Carvalho
Joel Azevedo
Slawomir Marzec
João Fernandes*

Flauta

Paulo Barros
Alexander Auer
Angelina Rodrigues

Oboé

Aldo Salvetti
Eldevina Materula

Clarinete

Carlos Alves
João Moreira
Gergely Suto

Fagote

Gavin Hill
Robert Glassburner
Vasily Suprunov

Trompa

Luís Duarte Moreira*
José Bernardo Silva
Eddy Tauber
Bohdan Sebestik

Trompete

Sérgio Pacheco
Luís Granjo
Rui Brito

Trombone

Severo Martinez
Ricardo Pereira*
Dawid Seidenberg

Tuba

Sérgio Carolino

Tímpanos

Jean-François Lézé

Percussão

Paulo Oliveira
Nuno Simões

Harpa

Iliaria Vivan

Acordeão

Paulo Jorge Ferreira*

*instrumentistas convidados

**14 Dez Sex - 21:00 Sala Suggia
Mahler Profético**

**Orquestra Sinfónica
do Porto Casa da Música**

Michael Sanderling direcção musical

Gustav Mahler *Sinfonia n.º 6*

Depois de terminada a composição da *Sinfonia n.º 6*, Gustav e Alma Mahler passaram vários serões tocando passagens inteiras da sinfonia e desfazendo-se em lágrimas nos momentos de maior intensidade. Conhecida como *Sinfonia Trágica*, revela uma mente ao mesmo tempo desejosa de viver mas contemplando a morte olhos nos olhos. Apesar de ter sido escrita num momento de felicidade familiar, esta é uma obra profética que parece adivinhar as enormes perdas que o compositor enfrentará nos anos seguintes. A direcção musical está a cargo de Michael Sanderling, maestro titular da Filarmónica de Dresden.

**16 Dez Dom - 12:00 Sala Suggia
Mahler Explicado**

CONCERTO COMENTADO PARA FAMÍLIAS
SINFÓNICA AO DOMINGO CONTINENTE

**Orquestra Sinfónica
do Porto Casa da Música**

Michael Sanderling direcção musical

Concerto comentado por Daniel Moreira

Gustav Mahler *Sinfonia n.º 6* (excertos)

Considerada por muitos a mais perfeita sinfonia de Mahler, a *Sexta Sinfonia* é sem dúvida uma das favoritas dos melómanos. De carácter premonitório por anteceder o período mais trágico da vida de Mahler, encontra-se rodeada de enigmas e mistérios. O que terá levado Mahler a escrever uma obra tão dramática num período coroadado pelo sucesso profissional e pela felicidade conjugal? Os comentários de Daniel Moreira guiam-nos através de uma das obras mais enigmáticas e marcantes da música ocidental.

21 Dez Sex - 21:00 Sala Suggia
22 Dez Sáb - 18:00 Sala Suggia
A Bela Adormecida

**Orquestra Sinfónica
do Porto Casa da Música**

Baldur Brönnimann direção musical
Rui Pereira guião e narração

Piotr Ilitch Tchaikovski *A Bela Adormecida*
(versão reduzida)

Uma bela princesa é vítima de um feitiço terrível, mal acaba de nascer: aos 16 anos picar-se-á numa roca de fiar e permanecerá adormecida durante 100 anos. O que a irá salvar, claro, é o beijo de um príncipe aventureiro. O mais clássico dos contos de fadas, assinado por Charles Perrault, inspirou Tchaikovski a escrever um bailado que ganhou um lugar definitivo no repertório clássico – ainda que o próprio compositor não tenha tido oportunidade de assistir ao seu êxito internacional, que perdura até hoje. As orquestrações brilhantes e as melodias arrebatadoras do compositor russo continuam a emocionar e são a banda sonora perfeita para um Natal onde a fantasia é sempre bem-vinda.

ASSINATURAS 2019

O SEU LUGAR NUM NOVO MUNDO

Escolha de entre 15 assinaturas disponíveis, com descontos até 85%, e proporcione a amigos e familiares um ano inteiro de concertos de excelência.

Sinfónica Série Clássica

Série Descobertas

Sinfónica Fora de Série

Série Famílias

Sinfónica Temporada

Remix Ensemble

Barroca

Música Coral

Maravilhas do Novo Mundo

Integral das Sinfonias de Tchaikovski

Grandes Canções Orquestrais

Ciclo Piano Fundação EDP

Ciclo Jazz

Banda Sinfónica Portuguesa

Curso Livre de História da Música

Pessoas especiais merecem presentes especiais. Fazer com que o Natal dos seus dure todo o ano só depende de si.



casa da música

MECENAS ORQUESTRA SINFÓNICA
DO PORTO CASA DA MÚSICA

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL
CASA DA MÚSICA

